

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA



**PEDAGOGIAS CULTURAIS E
PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES
DOCENTES NO CONCURSO
“ORGULHO DE SER PROFESSOR”,
DA REVISTA NOVA ESCOLA**

TRAMANDAÍ

2022

SARA SANTOS MYRON

**PEDAGOGIAS CULTURAIS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES DOCENTES
NO CONCURSO “*ORGULHO DE SER PROFESSOR*”, DA REVISTA NOVA
ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso, para a aprovação na disciplina Pesquisa da Docência, requisito para obtenção de título de Licenciado em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Polo Pinhal.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andresa Mutz

TRAMANDAÍ

2022

CIP – Catalogação na Publicação

Santos Myron, Sara
Pedagogias Culturais E Produção De Subjetividades Docentes No
Concurso “*Orgulho De Ser Professor*”, Da Revista Nova Escola / Sara

Santos Myron. -- 2022.

50 f.

Orientadora: Mutz, Andresa

Trabalho de conclusão de
curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Campus Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia, Campus Litoral Norte
BR-RS, 2022.

1. Pedagogias Culturais. 2.

Revista Nova Escola. 3. Docente.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados
fornecidos pela autora.

SARA SANTOS MYRON

**PEDAGOGIAS CULTURAIS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES
DOCENTES NO CONCURSO “*ORGULHO DE SER PROFESSOR*” DA REVISTA
NOVA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
para a aprovação na disciplina
Pesquisa da Docência, requisito para
obtenção de título de Licenciado em
Pedagogia, Universidade Federal do
Rio Grande Do Sul, Polo Pinhal.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Andresa Mutz - Orientadora
(UFRGS)

Prof^a. Suellen Assunção Santos - Avaliadora
(DIDACLN)

Prof. Me. Elvis Patrick Katz - Avaliador
(UFRGS)

Onde há vontade de transformar os sujeitos há também pedagogias para tornar isso possível.

Viviane Castro Camozzato, Marisa Vorraber Costa

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que me auxiliaram a vencer mais uma etapa acadêmica e profissional, especialmente à minha orientadora, por ter me ensinado tantas coisas que foram além deste trabalho de conclusão. Meu "muito obrigada" por sua disponibilidade para ler minhas produções.

RESUMO

Sob o prisma das Pedagogias Culturais, que parte do pressuposto de que somos educados não somente pelos espaços formais de ensino, mas também pela cultura, o recorte deste trabalho é composto pelas imagens veiculadas em 12 capas da revista Nova Escola, edições publicadas no ano de 2011. Buscou-se realizar conexões com a Pedagogia do Feminino a partir do seguinte questionamento: Como é representada a docência nas narrativas sobre o Concurso *Orgulho de Ser Professora*, na Revista Nova Escola? Realizo a leitura crítica de imagens e faço análise sobre a naturalização da docência como algo intrínseco ao feminino. Os resultados mostraram que esse artefato atua como pedagogia cultural na medida em que, através da representação das imagens dos docentes, mostra sua influência pelos ideais de mulher. Este propaga normas sociais sobre o que é ser um professor orgulhoso de sua profissão, as mesmas que são exaltadas pela sociedade. Entretanto, surgem rupturas ao instituído, à verdade, à naturalidade, através das poucas capas da Revista Nova Escola em que aparecem professores homens. Pensar diferente e construir novos significados foi um dos convites feitos neste estudo, no qual busquei indicar que não existem compreensões definitivas sobre um tema como este.

Palavras-chave: Pedagogias Culturais; Revista Nova Escola; Pedagogia do Feminino.

ABSTRACT

From the Cultural Pedagogies' perspective, it's understood that we are educated not only by formal education spaces, but also by culture. Formed by the analysis of 12 Nova Escola magazine's cover published in 2011, this paper aimed to connect it with the feminine pedagogy by questioning how decency is represented in narratives about Revista Nova Escola's "Orgulho de Ser Professora" contest. With a critical view, it's analyzed the naturalization of teaching as an intrinsic feminine subject. The results show that is artifact act as cultural pedagogy in which educator's image are influenced by women's expectations and propagations social norms about being a proud teacher. Although there are some breaking with the established, this research indicates that there are no definitive conclusions about a theme like this one.

Keywords: Cultural Pedagogies; Nova Escola Magazine; Feminine Pedagogy.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 REVISÃO DE LITERATURA | 12 |
| 3 REVISÃO TEÓRICA | 15 |
| 3.1 Pedagogias Culturais | 16 |
| 3.2 Leitura de Imagens Criticamente | 18 |
| 3.3 A pedagogia do feminino: ensinando a ser professora | 19 |
| 4 METODOLOGIA | 22 |
| 6 ANÁLISE DOS RESULTADOS | 40 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 43 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 47 |

1 INTRODUÇÃO

[...] foi construído o discurso da vocação natural da mulher ao magistério. Médicos, pais, clero e governantes acreditavam que elas eram dotadas de ternura e outras qualidades “naturais” para os professores exercerem sua profissão (FERNANDES, 2019, p. 2).

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, que chamam a atenção para as relações entre saber, poder e cultura, faço uma análise sobre a naturalização da docência como algo intrínseco ao feminino. O recorte serão as imagens veiculadas em capas da revista Nova Escola, destinada aos professores, mais especificamente numa campanha de 2011, que teve como título “*orgulho de ser professor*”, de modo a verificar como esse dispositivo se configura numa pedagogia cultural que influencia, através de modelos, o que é ser uma professora ideal. A pergunta que norteou a investigação propunha: Como é representada a docência nas narrativas sobre o Concurso *Orgulho de Ser Professora*, na Revista Nova Escola?

Atualmente temos assistido ao aumento de estudos que interligam a profissão educacional com temas que são tradicionais, mas necessários, tais como a formação profissional, didática, currículo, porém pouco espaço resta para questões que envolvem a subjetivação docente.

O estudo acerca desse tema traz importantes aspectos para nos atermos mesmo antes de iniciarmos nossas vidas como educadores. Na medida em que servirá de apoio durante toda nossa caminhada, nos cabe refletir criticamente sobre a profissão e trabalhar em sala de aula alguns estereótipos engendrados sobre o ser professora em nossa sociedade.

Portanto, meu intento foi mapear como a Revista Nova Escola, na campanha “*Orgulho de ser professor*”, atua na subjetivação docente, definindo modos de ser professor na contemporaneidade. Além disso, busquei aprofundar as leituras do referencial teórico dos Estudos Culturais, em especial a noção de Pedagogias Culturais.

Realizei levantamento no LUME, que é o Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, buscando sobre trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e doutorado, no período de 2012 a 2021, que versam sobre o assunto: Mídia, gênero, docência feminina e revista Nova Escola, e, a partir disso, procurei articular esses estudos à minha pesquisa. Também foi feito levantamento no

site PPGEDU ULBRA (programa de Pós-Graduação em Educação), o qual foca suas pesquisas na área dos Estudos Culturais em Educação, sobre dissertações de Mestrado que tiveram relação com o mesmo objeto de pesquisa. Visitei ainda cada um dos 12 exemplares *on-line* da RNE, no período de 2011-2012.

Identifiquei nas capas da campanha “*Orgulho de ser professor*” em quais aparecem fotos, matérias, artigos, editoriais de professores e de professoras. Organizei em quadros as categorias analíticas encontradas. Identifiquei significantes que, devido ao lugar ocupado em determinada cultura, contribuem para ensinar representações hegemônicas de gênero e docência. E, por fim, analisei as lições de gênero que a revista Nova Escola leciona.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo 2, intitulado *Revisão de Literatura*, apresentei trabalhos realizados por colegas pesquisadores interessados nos temas: Pedagogias Culturais, Mídia, Gênero, Docência Feminina e revista Nova Escola.

O terceiro capítulo, *Revisão Teórica*, aborda três grandes temas que estão implicados nesta pesquisa: Pedagogias Culturais, Leitura de Imagens Criticamente e a Pedagogia do Feminino.

Após, foi trazida a *metodologia* de pesquisa que foi empregada para a construção do material empírico.

Na *Análise dos Resultados*, o foco está na análise das capas da Revista Nova Escola como uma pedagogia cultural que ensina como ser uma professora perfeita e algumas influências culturais nessa temática.

Em *Considerações Finais*, apresento conclusões, ensinamentos e busco indicar, mesmo de forma bastante introdutória, que apresentei alguns dos muitos processos de subjetivação que operam na subjetivação da professora através da configuração de dimensões de gênero. Mas existem muitas outras possibilidades que perpassam os sujeitos e, por isso, faço um convite aos leitores a pensar e agir diferente, desobedecendo algumas regras engessadas nas práticas culturais, para permitir que as singularidades desejanter e pulsantes emerjam.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, verificou-se, através de pesquisa ao repositório Lume e site do PPGEDU ULBRA¹, a produção de outros colegas na área de interesse deste estudo. Em 18 de março de 2022, quando foi efetuada a visita ao site www.lume.ufrgs.br, selecionou-se as seguintes palavras-chave: mídia, gênero e revista Nova Escola. No período compreendido entre 2012-2021, retornaram da pesquisa 53 trabalhos de conclusão de graduação, 43 teses e 35 dissertações. Destes, foram utilizadas 6 teses, as quais puderam relacionar-se com o tema a ser trabalhado, qual seja, pedagogias culturais e sua influência na subjetivação da docente. Nesta mesma data foram pesquisadas no site [Dissertações Defendidas - Educação - ULBRA Canoas](#) as dissertações de mestrado defendidas entre os anos de 2019-2021, com as mesmas palavras-chave, e foram encontradas 3 dissertações com as quais posso dialogar com meu trabalho.

Realizou-se a leitura do título, resumo, palavra-chave e uma breve descrição onde se buscou estabelecer o diálogo entre os TCCs localizados na pesquisa e a investigação que ora se apresenta aqui, da qual resulta o Quadro 1.

¹ Escolhido por ser referência em Estudos Culturais em Educação.

Quadro 1- Pesquisa Trabalhos: Mídia, gênero, docência feminina e revista Nova Escola

| Trabalho/Site LUME | Assunto |
|--|---|
| <u>Da pedagogia às pedagogias: formas, ênfases e transformações</u> Camozzato, <u>Viviane Castro (2012) [Tese]</u> | Pedagogia Cultural e Pós-Modernidade |
| <u>“Mas não é homem, é tu!”: reflexões sobre a prática docente de professores-homens nos anos iniciais do ensino fundamental</u> <u>Silveira, Luís Carlos Teixeira da (2012) [Trabalho de conclusão de graduação]</u> | Formação docente e gênero |
| <u>Pedagogias culturais: uma cartografia das (re)invenções do conceito</u> <u>Andrade, Paula Deporte de (2016) [Tese]</u> | Pedagogia Cultural e Educação |
| <u>Fazendo o neoliberalismo funcionar "dentro de nós": um estudo sobre a atuação de organizações da sociedade civil sem fins lucrativos na forma(ta)ção docente</u> <u>Knöpker, Mônica (2018) [Tese]</u> | Estudos Culturais e Formação de Professores |
| <u>Representação da mulher contemporânea: uma análise de perfis na revista TPM</u> <u>Jacoby, Isadora Spinelli (2014) [Trabalho de conclusão de graduação]</u> | Revista, Análise de Conteúdo, Mulher |
| Trabalho/ Site PPGEDU ULBRA | Assunto |
| <u>"Um Olhar Sobre As Representações De Docência A Partir Da Série Televisiva: Merlí" (2020) [Dissertação]</u> Thamyres Verlindo De Araujo | Identidade. Docência. Representação. Série Merlí. Pedagogia Cultural. |

| | |
|---|---|
| <p style="text-align: center;"><u>Narrativas Autobiográficas De Maria Helena Vargas Da Silveira No Livro “É Fogo!”:Docência, Representações De Gênero E Raça E Pedagogias Culturais (2019) [Dissertação]</u> Cristina Gamino Gomes Tonial</p> | <p style="text-align: center;">Estudos Culturais, Docência, Gênero, Raça e Pedagogias Culturais</p> |
| <p style="text-align: center;"><u>"Pedagogias Da Moda: Moldando Corpus Com O Esquadrão Da Moda"</u> (2020) [Dissertação] Priscila Gil Wagner</p> | <p style="text-align: center;">Docência, identidade, Pedagogia Cultural</p> |

Fonte: elaboração própria (2022)

A partir dessa coleta de dados, através dos dois repositórios de pesquisas da UFRGS e ULBRA, foi possível articular minha pesquisa com instrumentos já produzidos em outros estudos ou já validados por outras pesquisas existentes. Isso me possibilitou ter mais consistência conceitual e foi fundamental porque trouxe elementos que favoreceram a definição de contornos mais precisos do problema estudado.

Contribuíram para minha pesquisa, entre outros, vários trabalhos e autores. Camozzato (2012), em sua tese de Doutorado *Da pedagogia às pedagogias: formas, ênfases e transformações*, problematizou as novas formas que a pedagogia vem adquirindo e trazendo articulações com as transformações culturais. Ampliou a discussão sobre as pedagogias culturais, mostrando que múltiplas pedagogias estão em funcionamento na sociedade contemporânea.

Em seu trabalho de conclusão de curso, Silveira (2012) se propôs a pesquisar sobre a docência do professor-homem, referenciado em autores que discutem as relações de gênero e docência, problematizou o senso comum de que o magistério seria profissão inapropriada para homens, o que me fez com que atentasse mais meu olhar para essas relações culturalmente engessadas que normatizaram que determinados espaços educacionais fossem ocupados predominantemente por mulheres.

Na tese de Doutorado intitulada *Pedagogias Culturais: uma cartografia das (re)invenções do conceito*, Andrade (2016) aponta como o conceito de pedagogias culturais ajuda a problematizar, matizar, explorar e diversificar o entendimento sobre como a pedagogia da vida social é uma ferramenta teórica para a articulação entre Estudos Culturais e Educação.

Ao discorrer sobre como a mulher se apresenta na sociedade atual a partir de conteúdos existentes na revista TPM, Jacoby (2014) chegou à conclusão de que existem normas, receitas sobre como ser mulher, um perfil essencial de jovem, branca, heterossexual, bela, famosa e inteligente e afastada das atividades domésticas.

Em seu estudo sobre as narrativas autobiográficas do livro “*É Fogo!*”, de Maria Helena Vargas da Silveira, Tonial (2019) examinou, problematizou e articulou os processos de construção de identidade, de docência, de gênero e raça que atravessam as narrativas aos ensinamentos ou pedagogias culturais.

Na dissertação de mestrado intitulada “Um Olhar Sobre As Representações De Docência A Partir Da Série Televisiva: Merli”, Araújo (2020) pesquisou as representações sobre docência nessa série, tomando-a como uma Pedagogia Cultural que nos interpela e nos constitui a partir dos seus regimes de verdade e suas discursividades. Observou quais as representações de docência que apresentaram os modos de ser/estar docente na era pós-moderna.

Investigar a construção da credibilidade por meio das pedagogias que operam no programa *Esquadrão da Moda* foi a proposta de Wagner (2020). Ele evidenciou que o *reality*, voltado para uma audiência feminina, produz uma ideia de credibilidade, altera o corpo e, por vezes, a conduta das participantes, enquadrando-as em uma série de estereótipos sociais.

Esse conjunto de trabalhos me direcionou para três temas: As pedagogias Culturais, Leitura Crítica de Imagens e a Pedagogia do Feminino.

3 REVISÃO TEÓRICA

Nesta seção busco aprofundar os conceitos principais que emergiram na primeira imersão teórica que fiz para abordar o tema de minha pesquisa.

3.1 Pedagogias Culturais

[...] a educação ocorre numa variedade de locais sociais, incluindo a escola, mas não se limitando a ela. Locais pedagógicos são aqueles onde o poder se organiza e se exercita, tais como as bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc (STEINBERG; KINCHELOE, 2004, p.101-102).

Conforme apontam Steinberg e Kincheloe (2004) a educação não se restringe aos espaços escolares institucionalizados. Neste capítulo vamos percorrer o conceito de Pedagogias Culturais sob o qual se sustenta essa pesquisa. Indo ao encontro do que a autora acima referiu, parte-se do pressuposto de que a cultura tem uma dimensão pedagógica, visto que forma nossas identidades e subjetividades. Refere Camozzato (2012, p.26) que “parece admissível situar o conceito de pedagogias culturais como a expressão de um conjunto de transformações sociais e culturais que tornaram possível a sua emergência”.

Busca-se aproximar a relação entre Estudos Culturais e a Educação, trazendo a noção de pedagogia cultural e sua imbricação com a mídia e relações de gênero.

Hodiernamente, percebe-se que a pedagogia está presente em diversos âmbitos, extrapolando o ambiente escolar, fazendo parte do nosso dia-a-dia. E a cultura é um recurso pedagógico, propondo-nos escolhas, algumas até mesmo inconscientes. A pedagogia cultural nasce de duas concepções ampliadas com o tempo: Pedagogia e Cultura. Estes nos permitem inferir que as mídias (sejam elas quais forem) são uma forma de pedagogia cultural, pois amplia os espaços formais de ensino-aprendizagem. Portanto, Pedagogias Culturais não tem um conceito fixo e determinado, pois propõe articulação entre os diversos ambientes pelos quais está permeada. Essa articulação entre pedagogia e cultura foi constituindo-se aos poucos, através de pesquisas realizadas nesses campos de saberes.

Diversos autores, através de suas análises nessa área, mostram a relevância desse tema. Andrade (2016), por exemplo, em sua tese intitulada: *Pedagogias Culturais: uma cartografia das (re)invenções do conceito*, traz destaque especial à pedagogia que amplia a concepção de lugares de aprendizagem e concedendo a esta o foco articulador de espaços culturais além da instituição escolar.

Ao tratar dessa temática Camozzato (2012, p.10) buscou suporte teórico em alguns autores, tais como Foucault, trazendo a seguinte contribuição: “Os achados da

pesquisa mostram que é sobre a vida das pessoas como um todo que a pedagogia procura atuar”.

Para a elaboração desta pesquisa me vali do princípio trazido por Castro (2012) de que a pedagogia vem trazendo novas articulações com as transformações culturais, ampliando seu conceito.

Da problematização acerca do senso comum, abordada por Silveira (2012), de que o magistério seria profissão inapropriada para homens, fiz um contraponto com a naturalização da docência ser essência do feminino. À essa ideia foi agregado o que apontado por Jacoby (2014), de que existe um perfil esperado para as mulheres (jovem, branca, heterossexual, bonita, popular e inteligente).

O estudo realizado por Araújo (2020), sobre uma série televisiva, cujo tema é também a representação da docência, abriu espaço de discussão sobre a docência ser uma Pedagogia Cultural que nos demanda e nos constitui a partir dos seus regimes de verdade e discursividades.

Adoto alguns aspetos de análise das narrativas de Tonial (2019), principalmente os que articulam os processos de construção de identidade, de docência e gênero e que atravessam as narrativas aos ensinamentos ou pedagogias culturais.

Foram valiosos os achados trazidos por Costa (2000), que colaboraram para a análise das representações e táticas pedagógicas operadas pela Revista Nova Escola nos processos de subjetivação da docência como atividade feminina.

Assim, na condição de aluna do curso de Pedagogia, senti a necessidade de falar sobre este tema e suas articulações com a mídia, buscando identificar as pedagogias culturais que promovem imagens da docente apresentadas pela mídia, mais especificamente na Revista Nova Escola e a campanha: *orgulho de ser professor*. Parte-se do pressuposto de que representações da mídia também estipulam significados, valores e crenças que atuam na formação da identidade da professora, pois ensinam formas de ser, de pensar, e de agir em sociedade. A mídia impressa, a qual terá mais destaque nesse estudo, através de imagens produz saberes e se apresenta como autorizada e credenciada a comunicá-lo ao seu público, que terá contribuição direta na formação de indivíduos, com identidade consumidora. E, por esse motivo, ela constitui diversas possibilidades de pesquisa para as docentes. Além dos conceitos de discurso, sujeito (aquele que está submetido ao outro ou a si mesmo) e relações de poder, Foucault (1987) traz o conceito de subjetividade, sendo

uma relação que o sujeito desenvolve consigo, através de experiências julgadas como verdades em práticas de si, cuidado de si não apenas como o que

[...] designa simplesmente uma atitude geral ou essa forma de atenção voltada para si. Também designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos. (FOUCAULT, 2014, p. 12).

Busca-se, desta forma, articular, pedagogias culturais, mídia e sua influência no modo de ser docente. Através da concepção de mulher como uma categoria socialmente construída, analisei a mídia como uma forma de pedagogia. Utilizei-me de alguns fundamentos buscados na obra de Michel Foucault (1987) para indicar como se dá e como se tem constituído um modo de ser professor, de certos modos, legitimados como mais verdadeiros.

3.2 Leitura de Imagens Criticamente

Se a cultura nos ensina, como mencionado acima, então precisamos atentar aos modos como está nos ensinando, de modo crítico precisamos atentar aos conteúdos endereçados a nós, que interagimos com os diferentes artefatos da cultura.

Sobre o modo de ler imagens, Douglas Kellner (1995, p.3) afirma a necessidade de uma "alfabetismo crítico em relação à mídia". Refere também que a difusão de artefatos de imagens é fenômeno típico da sociedade que começou no final do século XIX e produziu uma espécie de "cultura da imagem" (1995, p.4) na qual os educadores precisam estar mais atentos.

Ao utilizar-se das ideias de Kellner (1995), Schmidt (2002), transpondo seu estudo para formação do professor de História, argumenta que "os produtores de imagens podem ser comparados a arquitetos, músicos, filósofos, pois eles pensam com imagens no lugar de pensar com conceitos" (p.175).

Nesse estudo, me basearei na proposta de Kellner (1995) para realizar minhas análises às capas da Revista Nova Escola, "*orgulho de ser professor*". Através dessa proposta é possível perceber que para olhar uma imagem de forma crítica, é fundamental a articulação entre o que é mostrado e o como isso é visto, atentando às percepções possíveis de ocorrer.

Cada vez mais, as imagens têm um poder de gerar grande quantidade de símbolos, que intervêm na visão de mundo sobre a opinião pública. Kellner (1995) estabelece que a propaganda atua como uma pedagogia, que tem poder de instruir os sujeitos de forma a proferir o que eles devem pensar e cumprir para atingir a felicidade e o sucesso.

Assim, a pedagogia da publicidade explica uma visão de mundo moldando hábitos. Desta maneira, ao refletir sobre a influência que a revista Nova Escola exerce no seu público, ela traz um texto social que fornece indicações sobre as tendências no mundo da docência, persuadindo, através das imagens veiculadas em suas capas, a compra de um produto associado com certas atribuições desejáveis pela sociedade. Ou seja, busca vender uma visão de mundo, um estilo de vida, incentivando o consumo de formas de ser professor ideal. Dessa forma, ele nega o argumento dos apologistas da indústria da publicidade que afirmam que esta é predominantemente informativa. Kellner (1995) apresenta a sociedade pós-moderna com uma sociedade absorvida na cultura, com a qual devemos ter uma análise crítica das imagens. Lendo criticamente anúncios e imagens simbólicas praticamos o alfabetismo crítico, e isso é realmente necessário para desenvolver um pensamento autônomo e possuir um discurso crítico.

Lendo criticamente as entrelinhas das capas da Nova Escola é possível verificar que a publicidade é rica e poderosa fonte de imagens culturais, na medida em que fornece informações a respeito das atuais tendências da docência “ideal”. Nesse sentido, Kellner (1995) argumenta que os anúncios publicados demandam um processo aprimorado de explicitar e interpretar.

Por conseguinte, no âmbito educacional, o trabalho de Kellner (1995) mostra-se bastante adequado para refletir sobre as atuais tendências sociais. Colabora também na criação de uma pedagogia crítica pós-moderna porque analisa o comportamento da sociedade de consumo.

3.3 A pedagogia do feminino: ensinando a ser professora

Concebemos que a identidade de gênero é determinada por diferentes práticas discursivas, como a Revista Nova Escola, por exemplo. Assim, analisamos as imagens de professores produzidas nesse artefato como pedagogias culturais. Afirma-

se, então, que os discursos que circulam em torno delas contribuem para subjetivar identidades de gênero. Articulando as imagens das capas de professores e professoras, abordo como o gênero feminino, é acomodada em discurso através destas, gerando uma pedagogia do feminino.

No artigo *Pedagogia cultural, gênero e sexualidade*, Ruth Sabat (2001) estudou como as publicidades constituem certas relações de poder e ensinam modos de ser mulher e de ser homem.

Esse efeito pode ser causado quando um docente entra em sala de aula para ensinar os alunos. Silveira (2012), que fez um estudo sobre os desdobramentos da docência na docência masculina, informa que a presença do professor masculino se encontra, na maioria das vezes, relacionada à direção ou coordenação escolar e incumbidos em ofícios mais visíveis nas instituições escolares tais, como escolas municipais e estaduais. Cargos diretivos ainda parecem ser em grande parte executados por homens. Além disso, aponta que a baixa remuneração pode ser um dos fatores que influenciam na escolha da profissão por parte dos homens, afastando-os do ambiente escolar. Certamente esse quesito pode afetar a decisão de homens e mulheres. Entretanto, culturalmente, a sociedade, ainda paternalista, tem como expectativa que o homem seja o provedor do lar, e baixos salários impedem que se aproximem dessa profissão.

No início do século XVI, a determinação formal de regras de conduta dizia respeito ao controle dos corpos: os gestos, o olhar, a fala, tudo era codificado a fim de que, na interação, os indivíduos vissem uns nos outros a obediência ao teatro social em que todos desempenhavam um papel e em que todos deveriam saber como codificar seu lugar, principalmente por intermédio de comportamentos externos aceitáveis. Ora, esse policiamento do corpo e [ampliando o conceito de ethos] de condutas, cuja construção se dá na própria sociedade - através de inúmeros objetos culturais, entre os quais estariam a leitura e a iconografia, por exemplo -, remete-nos ao próprio processo civilizador e, mais particularmente, à civilidade; esta última, vista como um conjunto de normas que balizam a forma de os indivíduos se movimentarem e estarem nos espaços sociais,

[...] não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitudes, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo (FOUCAULT, 1987, p.126).

Então, baseando-se na citação de Foucault (1987), as normas exercem efeitos de vigilância sobre os corpos e, ao mesmo tempo, nos dizem quem os sujeitos são ou podem ser; no caso considerado, se esses são homens ou mulheres.

A respeito da vigilância, Loponte (2002) articula visão e poder; este primeiro escolhe o que e como vemos produzindo relações de poder, que podem ser imperceptíveis. Sobre o assunto, vejamos o que diz outro autor:

[...] por seu caráter ativo, a visão é, de todos os sentidos, talvez aquele que mais expresse a presença e eficácia do poder. Muitas das operações próprias do poder se realizam e se efetivam no olhar, por meio do olhar. É pelo olhar que o homem transforma a mulher em objeto: imobilizada e disponível para seu desfrute e consumo (SILVA, 1999, p.62).

O poder, na concepção foucaultiana, está operando em todos os lugares e está ligado também ao saber que podemos encontrar nas mídias, que faz com que nos reconheçamos de determinadas formas.

Como Louro (2000, p.62) destacou: “pretendemos reconhecer a identidade – aquilo que o sujeito é – e, ao mesmo tempo, estabelecer o que ele não é – a diferença. Desejamos afirmar, com segurança, que o sujeito é isso, e, conseqüentemente, ele não é aquilo.

As roupas e os adornos podem ser vistos como marcadores de corpos que são usados para permitir seu reconhecimento, mas, também, o seu enquadramento em determinados lugares, lugares estes que são criados pelos próprios sujeitos ou que simplesmente foram-lhes atribuídos por seus antecedentes, pela tradição e pelas práticas culturais.

Entretanto, podemos reinventar nosso olhar, não como um julgamento de valor, mas para provocar rupturas ao instituído, à verdade, à naturalidade. Ou seja, pluralizar o olhar para as diversas relações de poder exercidas sobre os indivíduos.

Para Suellen Santos (2009, p.24) na tese intitulada: *Experiências narradas no ciberespaço : um olhar para as formas de se pensar e ser professora que ensina matemática*, a contemporaneidade pós-moderna “também produz maneiras de se pensar e ser professoras” e sugere rupturas nessas formas de pensar e ser quando diz que

Assim, devemos ficar com os olhos mais abertos ainda em relação às verdades instituídas e em relação ao que pensamos (que acreditamos que somos). Cabe a cada um filosofar –

pensar sobre o próprio pensamento – e, ainda, problematizar os discursos que nos instituem, visto que esses são contingentes, historicamente constituídos, portanto, nem sempre foram assim. (SOUZA, 2009, p. 112).

Assim, é possível transformar o ambiente escolar e fazer acontecer uma nova forma de se constituir uma instituição de ensino, que não somente disciplina e forma de corpos dóceis, como descrito por Foucault em *Vigiar e Punir* (1987): trazer possibilidades que podem ser apresentadas aos/pelos docentes. Através de um conjunto de práticas e atitudes pode-se desenvolver formas de ser e de se vigiar.

No artigo *Corpo, escola e identidade*, Guacira Lopes Louro (2000) afirma exatamente isso, ao destacar que nos corpos dos sujeitos são inscritas marcas que permitem o enquadramento social desses sujeitos; ou seja, tais marcas os subjetivam, entendendo-se a subjetividade como uma construção cultural.

4 METODOLOGIA

A partir do conhecimento prévio dessa coleção, realizei pesquisas sobre as capas da revista *Nova Escola* que versavam sobre essa campanha, e fiquei intrigada com o tema do concurso, sobre as imagens que os professores enviavam para participar desse concurso, sobre a representação que eles têm sobre ser um professor “orgulhoso de sua profissão”.

Existiam três opções de participar do concurso cultural:

1. Aplicativo “Meu momento na Educação”, em que o participante produz e divulga um cartão com a foto do professor e o seu melhor momento na Educação.
2. Você na capa: através de um programa online, o professor, utilizando sua foto, estampa e compartilha a capa elaborada nas redes sociais.
3. Concurso cultural: Responder à pergunta: Por que você tem #orgulho de ser professor?

Utilizei-me da alternativa número 2, ou seja, das capas da Revista Nova Escola², bem como das reportagens atreladas à campanha a qual direciona-se

² De acordo com o site Educa Brasil, a revista Nova Escola é a principal iniciativa da Fundação Victor Civita, editada desde março de 1986. Segundo a entidade, trata-se da segunda maior revista do país com uma tiragem média de 520.000 exemplares que atinge cerca de 1 milhão de professores.

especialmente aos professores, tais como as matérias intituladas “*Orgulho de ser Professor*”, em que foi solicitado aos professores interessados que enviassem fotos suas que se referissem ao tema.

Foram, então, analisadas as 12 capas de revistas, algumas agrupadas por estarem na mesma categoria por mim classificadas. E para ilustrar e tornar mais inteligível como se desencadeou a campanha, foram utilizadas as 4 matérias achadas no site da Revista, as quais auxiliaram na análise e aprofundamento do tema que propiciou maior entendimento sobre como o público era convidado para participar da campanha “*Orgulho de ser Professor*”.

O site <https://novaescola.org.br/> disponibiliza aos leitores uma plataforma de busca simples e ampla (através dele é possível pesquisar planos de aulas, notícias, cursos), partindo de palavras-chave e uso de filtros para buscas mais específicas. Nessa pesquisa foram analisadas publicações selecionadas em fevereiro de 2021, na seção “Jornalismo”, “Carreira” e “Formação”, utilizando a palavra-chave “orgulho”. Foram filtradas as opções “todas as etapas” e “nenhuma disciplina”, para identificar as publicações da revista disponibilizadas gratuitamente sem etapa escolar, de indicação de disciplina ou componente curricular específicos. Oito registros com os termos “orgulho e professor” foram encontrados.

Para delinear o mapeamento foram excluídas quatro publicações, por não versarem sobre o tema do orgulho de ser professor de forma específica. O link “*Mais que um professor: alfabetizadores são aqueles que nos abrem os olhos para ler o mundo*” foi excluído, pois continha a entrevista realizada com uma aluna, para homenagear sua professora, 22 anos após ter sido alfabetizada.

O artigo da revista Nova Escola, “*A história da diretora que superou as barreiras da baixa visão*”, que faz a relação de uma profissional de baixa visão com o dia a dia do trabalho docente, também não foi considerado, pois o termo “orgulho” apenas era citado durante o texto. A publicação “*Maranhão enfrenta o desastre educacional*” é uma reportagem sobre políticas públicas, mas não aborda o tema. Foi desconsiderada, por fim, a publicação da revista Nova Escola, “*Como combater a homofobia*”, por não ter relação com o tema, por se tratar de relatos de pesquisas que indicam que as escolas do nosso país são preconceituosas com os gays.

Dessa forma, para esse estudo foram selecionadas 12 capas de revistas relacionadas à campanha “Orgulho de ser Professor” e 04 matérias (reportagens e

"convites" para participar da campanha) para compor o mapeamento, conforme demonstrado no Quadro 2.

Quadro 2 - Mapeamento das publicações referentes à campanha “orgulho de ser professor”

| Título | Resumo | Autor (a) | Data | Seção |
|---|--|------------------|-------------|--------------|
| Participe da campanha #orgulhodese rprofessor | A revista convida os participantes a participar da campanha. | Rodrigo Ratier | 06/10/2011 | Jornalismo |
| No Dia do professor, educadores de todo o Brasil mostram o orgulho que têm da profissão | Mostra 50 fotos enviadas pelos professores. E reforça o convite para o concurso. | NOVA ESCOLA | 01/10/2012 | Formação |
| Confira o resultado do concurso cultural #orgulho de ser professor | Mostra o vencedor de uma das formas de participar do concurso: frases relativas ao assunto e também daquelas que se destacaram. O ganhador foi | NOVA ESCOLA | 01/10/2012 | Carreira |

| | | | | |
|--|---|-------------|------------|----------|
| | premiado com um lpad. | | | |
| Orgulho de ser professor | Homenagem da revista pelo dia do professor. Depoimento de 4 professoras sobre professores inesquecíveis. E convocação para colaborar com a campanha. | NOVA ESCOLA | 10/10/2012 | Carreira |

Fonte: elaboração própria (2022)

Apesar do vasto material de leituras dirigidas às mulheres, faz-se um recorte, direcionando-se às revistas que inicialmente não objetivam ditar normas de comportamento a esse público. Tal escolha se deu porque, como já referido, com o propósito de analisar a Revista Nova Escola, por se apresentar como leitura que podemos considerar, predominantemente ao público docente feminino e verificar como essa atua na instrução ou na moralização para essa categoria.

A revista Nova Escola, conforme Revah (2013), foi lançada logo após o fim da ditadura militar, no ano de 1986, e desde então tem ampla e diversificada atuação no campo educacional. Trata-se de publicação do Grupo Abril e continua a ser editada até os dias atuais, numa média de dez números por ano.

Em outubro de 2011, mês do professor, a revista estudada preparou diversas ações para o docente mostrar o lado bom do magistério e compartilhar com todos o seu orgulho pela profissão. Nessa proposta, os professores das cinco regiões do país enviaram imagens por meio da página da revista no Facebook, para ser estampada na capa da *Nova Escola*, que “deu a todos a oportunidade de mostrar pra todo mundo quem tem *orgulho de ser professor (a)!*” Contou-se, assim, com doze exemplares de capas on-line de cada periódico, sobre a qual foi realizada uma análise qualitativa.

Em relação ao artefato analisado, o modelo do ser feminino seria construído, além da leitura do periódico, também por intermédio de imagens publicadas em suas

capas. Esse material, direta ou indiretamente, instrui as leitoras a respeito dos comportamentos tidos como adequados às mulheres professoras.

Acredita-se, desta forma, que as revistas destinadas predominantemente ao público feminino, apesar de não explicitamente proporem regras, também sirvam para disseminar normas tradicionais, como as de mãe, dona de casa e educadora. Através dessas regras, da leitura, o indivíduo se apropria de discursos sobre as configurações sociais de que ele faz parte. A leitura desse material é uma das formas de se apropriar de discursos.

Sustenta Rosa Fischer (1997, p.66) que os especialistas, colunistas das revistas e jornais, seriam uma espécie de “pedagogos’ da mídia”. Essa tese complementa-se com a de com Andrade (2002), que afirma, em sua dissertação de mestrado, que a revista e a TV funcionariam como uma pedagogia, na medida em que ensinam formas de ser e ver. E esses ensinamentos nos marcam na forma de sermos, de nos comportarmos, de nos vestirmos e isso produz marcas em nossas subjetividades e em nossos corpos. Para Steinberg (1997) esses artefatos são considerados “locais pedagógicos”

[...] de que a educação ocorre numa variedade de locais sociais, incluindo a escola, mas não se limitando a ela. Locais pedagógicos são aqueles onde o poder se organiza e se exercita, tais como as bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc (STEINBERG, 1997, p.101-102).

Em sua tese *Mulheres Em-cena*, Pereira (2000) resume bem essa ideia quando aponta que:

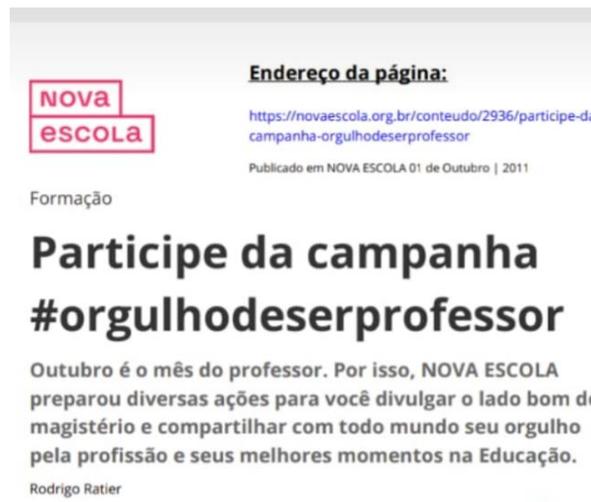
As revistas hoje se constituem muito mais como manual e guia de comportamento para a mulher do que como fonte de informação. As orientações se referem desde ao modo como se deve cuidar dos cabelos, dos pés, até o modo como se deve agir em determinadas situações, o que se deve desejar e que objetivo se deve buscar (PEREIRA, 2000, p.22).

Concorda-se com Loponte (2002, p.285) quando afirma que: “as imagens dizem muito, nos produzem, nos significam, nos sonham.” Organizou-se a análise a partir das imagens e dos papéis sociais atribuídos à mulher e à professora. Sendo assim, destaca-se o próprio conjunto de hábitos ou crenças femininas atreladas aos papéis da mãe, da dona-de-casa, da esposa e da educadora sugeridos nas capas das revistas.

5 DESCRIÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

No que tange à revista em análise, as docentes consumidoras podem se sentir nelas representadas, então não haveria por que não consumir esse produto de viés pedagógico, que apresenta normas através da imagem, cuja finalidade é o controle de comportamentos e corpos.

Figura 1 - Chamada da Revista para os professores participarem da campanha



Fonte: Rodrigo Ratier (2011)

Figura 2 - Convite para os professores participarem da campanha



Fonte: Rodrigo Ratier (2011)

Ao longo de anos, décadas, mudam-se alguns estereótipos em relação às pessoas, às profissões. E, em muitas situações, a mulher foi ou continua sendo vista como inferior, principalmente no que tange ao mercado de trabalho, e tem se tornado uma “batalha” provar que têm as mesmas capacidades em relação aos homens e que, portanto, devem ganhar salários iguais, por exemplo. Entretanto, no ambiente educacional, principalmente na educação infantil e séries iniciais, a mulher ganhou espaço, e a ela é atribuído o dever de ensinar, educar.

Figura 3 - Professora Lilian Contreira



Fonte: Nova Escola (2012)

Figura 4 - Professora com aspecto angelical



Fonte: Nova Escola (2012)

Iniciou-se a discussão com a capa da revista Nova Escola, na Figura 3, tendo como protagonista uma jovem professora, loira, cabelos lisos, branca, segura e sorridente, vestindo um xale por cima de seu vestido preto, aparentando estar fora do contexto escolar. Na Figura 4, uma professora com aspectos físicos semelhantes à primeira, trajando uma espécie de guarda-pó, em tecido leve, sorridente. Sua postura

parece ser bem recatada, dedicada, angelical. O ambiente escolar ao fundo aparenta ser de uma sala de aula com computadores ou sala dos professores, e parece ser um elemento natural à cena, também levando a um ar de modernidade. A exibição da imagem em contexto com cores claras perfaz o ambiente educacional e dá a ideia futurista de que sua história já está traçada.

Uma forma de associar a mulher à docência se baseia no apelo emocional em relação à imagem. Associa-se à profissão, concentrando na imagem da professora com semblante angelical, quase maternal, o que seria, em tese, mais indicado para “cuidar” dos alunos, o que é visto como uma qualidade que nasceu com a mulher.

Ao realizar um estudo sobre a Revista Nova Escola, no capítulo intitulado “Mídia, magistério e política cultural”, Marisa Vorraber Costa (2000) demonstra como essa revista opera na produção da docência como atividade feminina e quais as implicações desempenham nos processos de subjetivação delas. Costa (2000) atenta às táticas que colocam professores (as) em molduras referenciais distintas, relacionando, assim, uma política de identidade. Então, as professoras são ininterruptamente representadas como indivíduos naturalmente afetuosos, em antagonismo ao professor sistemático, metódico, racional e naturalmente intelectual.

Nas Figuras 3 e 4 vemos estampadas imagens de docentes que tiveram suas fotos escolhidas para representar a capa “*orgulho de ser professor*” da revista da Editora Abril, uma das maiores editoras do nosso país,

As próximas imagens estampam na capa professoras morenas, jovens, maquiadas, bem arrumadas, e demonstram a necessidade de associar o orgulho da profissão a mulheres felizes e bonitas.

Figura 5 - Professora feliz



Fonte: Nova Escola (2011)

Figura 6 - Professora Maquiada



Fonte: Nova Escola (2011)

Figura 7 - Professora Ana Paula



#orgulho de ser professor Olha a professora Ana Paula na capa de Nova Escola

Fonte: Nova Escola (2012)

Figura 8 - Professora bem produzida



Fonte: Nova Escola (2012)

Figura 9 - Professora dedicada



Fonte: Nova Escola (2011)

Nas Figuras 6, 7, 8 e 9, vemos lindas e jovens professoras, também maquiadas e com os cabelos bem cuidados, brincos grandes e bem arrumadas. Essas figuras são significativas para mostrar o quanto a imagem da professora orgulhosa da profissão é retratada. Ao refletir sobre quem são essas professoras, percebemos que são muito semelhantes às das imagens anteriormente apresentadas. Parecem possuir uma identidade engessada, um modelo de ser professora, as quais foram construídas e influenciadas pela cultura presente dos meios em vivem.

Figura 10 - Professora estudiosa



Fonte: Nova Escola (2010)

Na Figura 10 temos a foto enviada por mais uma docente que participou da campanha “*orgulho de ser professora*”. Sendo esta imagem escolhida pela própria docente e também pela revista, a qual a elegeu capa naquele mês, percebe-se representações que se têm da profissão. Pode-se considerar que a imagem da mulher reproduzida na capa da revista Nova Escola sugere uma representação de mulher sábia e doce. Leva-se em conta gênero como fabricação histórico-cultural e social de concepções do que é ser masculino e ser feminino.

Figura 11 - Professora Márcia e colegas



Fonte: Nova Escola (2012)

Com o *slogan* “Orgulho de ser professora”, a Figura 11 explicita a ideia de que ser professora é uma das melhores profissões a ser escolhida. Com a imagem de três professoras brancas, com roupas mais simples (talvez representando seus baixos salários) e caracterizadas de coelho da Páscoa, mostra que o modo de ser docente na atualidade é mais um dos ensinamentos das Pedagogias Culturais. Esse ideal de professora, atrelado às suas atribuições, como referido anteriormente, foi sendo construído socialmente, naturalizando os elementos femininos, ao sentido maternal e delicado, até chegar ao cume de ser considerada uma vocação. As escolas e instituições de ensino também participaram desse processo na medida em que foram “moldando”, aos poucos, um padrão da sua equipe docente. Guacira Lopes Louro (1997, p. 93) evidencia que a escola é permeada por gêneros: “O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre

a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções culturais de masculino e feminino”.

Entre tantas imagens de professoras, encontramos, na campanha “*orgulho de ser professor*”, três capas com homens docentes. Há, portanto, um reflexo da realidade: há poucos homens atuando na docência com crianças da educação infantil e séries iniciais. Estes, condizentes com os ensinamentos de Louro (1997, p. 23), são considerados “a exceção, a nota de rodapé, o desvio da regra feminina – em tema central”.

Assim sendo, mulheres e homens têm a sua identidade construída socialmente, em decorrência do contexto vivido e da forma como o mundo lhes foi apresentado pela família, escola, comunidade, enfim, pelos grupos sociais sob o prisma da cultura de exploração e machismo dominante (ATAÍDE; NUNES, 2016, p.169).

No artigo intitulado *Feminização da Profissão Docente*, Ataíde e Nunes (2016) argumentam que a presença da docente feminina se dá predominantemente nos primeiros níveis da educação básica. Eles requerem dedicação profissional e é aí que a docência acaba confundindo-se com a ampliação da maternidade e a instituição escolar como a extensão do lar. Assim, a professora é muito confundida com o papel da tia. Desta forma, conforme considerações feitas por Guacira Lopes Louro (1995; 2000), a feminilidade é vista como própria à natureza da mulher.

Essa construção da identidade da profissão docente resulta de um processo histórico, que inclui fatores socioculturais e políticos. A partir de parâmetros ditos “corretos”, o material estudado reitera, especialmente, discursos sobre a importância da beleza jovial.

Partindo do pressuposto de que a imagem da docente resulta de uma construção histórica, essa abordagem pode ser claramente vista nas capas da Revista Nova Escola. A escolha pela profissão passa por estereótipos que levam muitas professoras a conceber com naturalidade o exercício profissional docente desenvolvido, geralmente, por mulheres. Desta maneira, gênero e ensino estão relacionados. Na campanha “*orgulho de ser professor*”, a participação robusta docente feminina para aderir à campanha mostra que as mulheres podem ser levadas à profissão docente por conta da sua “natureza”, de peculiaridades naturalizadas como femininas, tais como a sensibilidade, o amor incondicional, o cuidado, a entrega, etc. As imagens das docentes nas capas reforçam a ideia de que o magistério poderia ser exercido da mesma forma que com as atividades do lar. Esse estigma talvez seja

mais um motivo para afastar os professores dessa profissão. Zawaski e Mangan (2021, p.11) atentam ao fato de que “em determinadas áreas, como educação infantil e anos iniciais, a presença masculina ainda é concebida com preconceitos, estigmas e desvalorização.”

Ao analisar um artigo da Revista *Nova Escola* sobre equidade entre homem e mulher, Ripa e Malaggi (2021) também destacam essa percepção, ao referir que:

[...] quanto ainda é comum os homens assumirem os cargos de chefia e terem salários melhores do que as mulheres, mesmo exercendo funções similares. Além disso, destaca o fato de que as mulheres concentram mais suas atividades em áreas do ensino e cuidado, e que são as meninas que atingem os maiores índices de evasão escolar para assumirem afazeres domésticos ou cuidar de outras pessoas (RIPA; MALAGGI, 2021, p. 70).

Figura 12 - Professor interagindo com uma criança



Fonte: Nova Escola (2012)

Figura 13 - Professor trajando camisa social



Fonte: Nova Escola (2012)

Figura 14 - Jovem professor



Fonte: Nova Escola (2012)

Parece ser tão natural vincularmos o magistério às moças que quando vemos homens atuando nessa área, principalmente nos primeiros anos escolares, estranhamos. De todos os exemplares da campanha “orgulho de ser professor”, temos três homens nas capas (Figuras 12 a 14). Os dois primeiros com camisa social, brancos, cabelos grisalhos, idade beirando aos 50 anos, um deles sorridente, com uma criança no colo³, e o outro mais sério. Na Figura 14, um professor mais jovem, com óculos escuros na cabeça.

Cabe ressaltar que esse estudo não se propõe a discutir, avaliar ou comparar a qualidade do trabalho de professores ou professoras, mas de analisar culturalmente espaços pedagógicos povoados por mulheres. No momento em que um docente homem se insere nesse local é impossível não notá-lo, a ponto de causar incômodos, questionamentos, provocando elucubrações e estranhamentos.

Sobre a análise do conteúdo das capas da revista em questão, podemos ver sob outro prisma: através dos modos de endereçamento. Essa perspectiva foi implementada pelos estudiosos do cinema. No cinema, o endereçamento procura antever o perfil de público que quer atingir. Sugere Ellsworth (2001) que o modo de endereçamento de um filme busca endereçar uma forma de se comunicar: ouvindo, lendo, vendo o modo de endereçamento tem cunho intencional, e busca influenciar seu alvo na forma que deverá assistir ao filme a ele endereçado. A autora, de forma

³ Nessa capa temos um professor homem como linha de fuga, pois está com uma criança no colo, numa atitude de cuidador.

resumida, traduz a seguinte questão: “quem este filme pensa que você é?” (2001, p.11).

Levando essa concepção para a área da educação, percebe-se que existem diversos modos de endereçamento nos artefatos midiáticos, e conseqüentemente na revista *Nova Escola*. Portanto, foram analisadas as formas de endereçamento existentes entre a revista e seu consumidor. Quem essa revista pensa que o professor é? Nesse estudo, foi abordada a tese Ellsworth (2001, p.14): para quem o espectador, para estar emocionalmente envolvido em um filme, deve manter uma determinada relação pessoal? Um parâmetro para saber se o público esperado foi atingido seria observar as suas reações, sentimentos, inquietações. No caso da revista estudada, o professor que se identificar será aquele que se encontra retratado pelos sistemas de significação que a revista propaga, proporciona, e que o faz sentir seguro no que tange a sua ocupação, raça ou gênero. Verifica-se que existem modos de endereçamento da revista e os sentidos produzidos pelos professores para ela.

Aqui a proposta é pensar nos modos de endereçamento que fazem parte da *Revista Nova Escola, Orgulho de ser Professor*, para seu público-alvo. Essa revista, como todo mecanismo cultural, é uma pedagogia. Questiona-se: quais sentidos são produzidos pelos professores através do consumo dessa revista?

Nenhum leitor da revista é precisamente o que foi elaborado para ele. Todos se encontram expostos a diferentes modos de endereçamento concomitantemente, e em todos os processos culturais a que são submetidos. Desta maneira, existem inúmeras possibilidades com as quais se articulam recursos sociais às particularidades de cada indivíduo. Essa campanha realizada pela revista convoca os professores a se relacionarem com ela, a mostrar quão engajados encontram-se nessa proposta, a ponto de autorizar a publicação de suas imagens.

A revista possui significados diferentes para as pessoas. Nesse processo, faz-se necessário que o leitor se identifique com ela: fotos, imagens, textos.

A revista em questão seria uma “receita ou manual” para os professores que querem se manter atualizados, ou que procuram se inspirar nos modelos prontos dos planos de aula, por exemplo. Estaria, dessa forma, atrelada à ideia de saber, de verdade sobre o que está expondo. O professor, receptor dessas informações, dá credibilidade a ela e, na campanha “orgulho de ser professor”, pode participar ativamente dessa revista, na medida que envia sua foto para aparecer na capa, demonstra quão identificado (e orgulhoso) está. Nas fotos verificamos que estão

expostas tanto as professoras com imagem angelical, com vestimentas sóbrias e um sorriso tímido. Também podemos verificar a existência de professoras que fogem a esse padrão. Elas estão vestindo roupas com brilho e usando maquiagens mais reveladoras de seus rostos. Outro aspecto que também tangencia essa “forma de bolo” de ser professor é a presença, mesmo com poucos participantes, dos professores do sexo masculino. Desta forma, percebe-se que a revista procura atingir a todos os públicos de docentes. Ela está endereçando seu conteúdo aos professores-padrão, bem como àqueles que estão “fora dos moldes”.

No convite *Participe da campanha #orgulhodeserprofessor*, Rodrigo Ratier (2011), no dia do professor, apresenta algumas formas de os participantes “compartilharem com todo mundo seu orgulho pela profissão” e divulguem o “lado bom do magistério”. Refere que apesar das más condições de trabalho, carga horária cansativa, ainda vale a pena ser professor. Ratier (2011, p.1) afirma que: “a docência é uma profissão que dá orgulho”. Incentiva os professores a divulgar a proposta e a homenagear os colegas.

Na seção “jornalismo” a Revista indica a temática: *No Dia do professor, educadores de todo o Brasil mostram o orgulho que têm da profissão*. Nele são difundidas as 50 primeiras fotos que mostram o “lado bom do magistério”, enviadas pelos professores ao *Facebook* da revista. De todas as fotos, somente uma foi enviada por um professor; nas demais, temos professoras com alunos, grupos de professoras, ou professora com aluno hospitalizado, conforme imagens a seguir.

Figura 15 - Professora Denise e seu aluno



#orgulho de ser professor A professora Denise de Almeida e seu aluno

Fonte: Nova Escola (2012)

Figura 16 - Professora Leila e colegas



Fonte: Nova Escola (2012)

Figura 17 - Professor Carlos e Professora Jizar com seus alunos



Fonte: Nova Escola (2012)

Em 01/10/2012, com a publicação *Confira o resultado do concurso cultural #orgulho de ser professor*, o sítio eletrônico revela qual é a frase vitoriosa e, conseqüentemente, a ganhadora de um *Ipad*.

fotos enviadas à campanha, verifica-se que seus colegas são prioritariamente mulheres e que ter orgulho de ser professora é estar em companhia das colegas de profissão, de sua turma ou fazendo uma “boa ação” ao dar aula a um aluno hospitalizado. Saímos aí do estereótipo de professora que dá aulas para cair em outro, o da professora que também é cuidadora, tia. Há, então, representações de mão dupla, na medida em que são subjetivadas a um padrão de professora, e também mostram que são boas alunas, e que aprenderam a lição e que agora tiveram a oportunidade de explicitar isso a todos. Esse tema foi abordado por Ripa e Malaggi (2021, p.71-72) ao indicarem que: “[...] as publicações assumem um caráter informativo e imperativo, apresentando-se como capazes de responder o “Como fazer” e/ou de suprir a discussão ausente do tema na formação dos professores, perpetuando, assim, suas características de semiformação”.

Desta forma, as publicações refletem as contribuições dos professores-leitores, relação que permanece fortalecida quando aprendem, aplicam e ensinam as prescrições da Nova Escola.

[...] compreendemos os Estudos Culturais como um profícuo campo para se romper com algumas formas tradicionais de pensar. Trata-se de um campo que busca não a verdade do que está posto, mas a compreensão de como as coisas chegam a ser o que são, como são construídas e igualmente como são representadas (ANDRADE; BORTOLAZZO, 2012, p. 253).

Baseando minha análise nas Pedagogias Culturais, as quais foram fortemente influenciadas pelos Estudos Culturais, bem definido no estudo de Andrade e Bortolazzo (2012), busquei sair do lugar comum sobre o feminino como algo natural da docência, procurei refletir/problematizar/analisar essa questão.

Falam Andrade e Costa (2017), a respeito de Giroux, o qual deu visibilidade para as conexões entre educação e cultura, e, em diversos textos da década de 1990, aproximou Educação e Comunicação. Estudou elementos midiáticos, como desenhos animados destinados ao público infantil, e apontou que tais artefatos, ao mesmo tempo em que corroboram com ideias preconcebidas sobre gênero e raça, propiciam, mediante uma pedagogia crítica, que tais relatos sejam reescritos por meio do desenvolvimento de mecanismos de resistência contra os discursos dominantes.

Loponte (2002, p. 284), em *Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino*, argumenta que existe uma “pedagogia visual do feminino”, em que a sexualidade feminina é explorada através de discursos em imagens e textos,

por um 'olhar masculino', a partir de um sistema de significados muito particular, que produz naturalizações para as imagens de mulher.

Afirma Nogueira, (2021, p. 33), ao realizar pesquisa sobre estereótipo e gênero, sob a perspectiva das artes visuais, afirma que: “na fotografia, tem-se a impressão de que a imagem é um retrato fiel da realidade, mas na verdade é um recorte da visão do fotógrafo”.

Através de uma enrijecida identidade, ou da falta dela, pode-se identificar alguém, pois dessa maneira acentuam-se características e determinadas formas que essencializam os sujeitos, promovendo-se o seu enquadramento dentro de determinadas formas. Louro (2000) nos convida a problematizar tais marcas, buscando desnaturalizá-las:

Esquecemos de indagar a respeito das razões por que certas características (um pênis ou uma vagina, a cor da pele, o formato dos olhos ou do nariz) são tão especiais; deixamos de perguntar porque esses e não outros elementos (as orelhas, o tamanho das mãos ou dos braços, por exemplo) foram escolhidos como definidores de uma identidade sexual, de raça, étnica ou de gênero (LOURO, 2000, p.62).

Ao olharmos para a identidade como uma atribuição cultural, ou seja, ao aceitarmos que aos corpos são atribuídos significados culturalmente, sendo através destes significados que os corpos são moldados, podemos entender a transitoriedade das identidades, sendo esse o exercício que a autora nos sugere fazer. A mesma autora também destaca que temos, em nossas sociedades ocidentais, algumas identidades de referência para as mulheres: heterossexuais, brancas, de classe média, urbanas. Ela acrescenta que essas identidades são aceitas de forma tão natural que chegam até a se tornar invisíveis - elas teriam se tornado normas e, nesse processo, teriam sido naturalizadas. E agrega que “[...] as identidades de gênero, raça, classe, sexualidade, religião, nacionalidade são – todas elas - constituídas em (e constituintes de) redes de poder” (2000, p.68). Em decorrência disso, quando essas identidades são tornadas invisíveis, essas passam a ser vistas como não problemáticas, ou naturais, esperando-se que todos os sujeitos sejam capazes de ser nelas enquadrados. Então, as normas exercem efeitos de vigilância sobre os corpos e, ao mesmo tempo, nos dizem quem os sujeitos são ou podem ser; no caso considerado, se esses são homens ou mulheres. As roupas e os adornos podem ser vistos como marcadores de corpos, que são usados para permitir o reconhecimento não somente deles, mas, também, o seu enquadramento em determinados lugares,

que são criados pelos próprios sujeitos, ou que simplesmente foram-lhes atribuídos por seus antecedentes, pela tradição e pelas práticas culturais.

Realizar-se profissionalmente a partir de construções como mito da professora e mulher perfeita faz-se necessário para que se possa repensar antigas concepções e tentar adaptá-las segundo o seu desejo e o desejo do outro - ou outros.

Porém, as transformações na esfera dos saberes e nas tecnologias vêm cada vez mais desalojando as certezas, as permanências, provocando, também, que os sujeitos fluam entre as diversas posições-de-sujeito que lhes são oferecidas a ocupar (CAMOZZATO, 2014, p. 575).

Mesmo poucas, é possível apontar rupturas em representações de gênero e docência. Alguns professores se interrogam e repensam sobre outras formas de ser. Hall (1997), através de seus estudos, afirma que as identidades estão colapsadas, influenciadas pelas mudanças estruturais do século XX, em que diversas concepções anteriormente fixos como classe, gênero, nesse momento são ressignificados, gerando uma crise de identidade.

As novas relações profissionais que se constituem levam mais em conta o respeito, o diálogo, a singularidade e a aventura da construção de uma nova e menos rígida identidade.

No que tange aos homens professores, essa ruptura pode ser facilmente apontada. A representação é identificada pela presença rara de uma pessoa do sexo masculino em lugares vistos como exclusivamente femininos, tais como a docência nos anos iniciais em um instituição de ensino. Um claro exemplo são as três capas da Revista Nova Escola, que mostram três homens orgulhosos da sua profissão. Todavia, a representação que permanece tendo mais destaque é a que relaciona feminilidade e docência. Percebe-se, então, que há uma pedagogia, uma forma de regulação social na qual procedimentos e técnicas são direcionados a produzir e reproduzir comportamentos específicos, com tendência a manter tipos de espaços de gênero e de docência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar um trabalho de final de curso de graduação é uma tarefa extremamente instigante. Primeiramente porque não se têm conclusões, e sim provisórias, transitoriedades sobre o assunto pesquisado. A cada artigo, a cada

livro lido, maior é o desafio de se estar percorrendo outros terrenos. Refletir sobre práticas ou modos de ser sobre os quais o investigador está bastante implicado faz com que este submeta suas certezas ao estranhamento. Além disso, como destacou Silva (1999), tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma “pedagogia”, também ensinam alguma coisa. O mesmo pode ser dito em relação aos artefatos e às produções culturais, entre essas a Revista Nova Escola, em sua campanha “*Orgulho de ser professor*” que, ao divulgarem as fotos dos docentes orgulhosos, funcionam como pedagogias culturais, ensinando-nos como deve ser o professor ideal, na medida em que suscita desejos e aspirações.

Ao tratar desse assunto, houve a necessidade de trabalhar o conceito de representações, tais como trazidas por Brisolla (2019), em sua tese de doutorado: *De menina a mulher: imagens publicitárias, representações e pedagogias culturais*. Foram problematizadas as capas de revistas sob o prisma de que imagens são representações e resultado de ação e de produção de sentidos em aspectos culturais específicos.

Entendo que as representações são retratos de um contexto histórico e cultural específico e são produzidas no âmbito dos processos sociais. Neste tocante, seus reflexos na cultura da mídia espelham referências imagéticas inscritas no imaginário cultural (BRISOLLA, 2019, p. 20).

A mesma autora, na página 47, afirma que imagens publicitárias, em sua maioria, difundem representações de subjetividades baseadas em moldes, formatando modos de ser e de se expressar e que encontram repercussão na vida em sociedade. Sobre representações, de forma bastante detalhada, Stuart Hall (1997) afirma que

Coexistem dois sistemas de representação: o primeiro indica um sistema no qual objetos, pessoas e eventos estão relacionados com um conjunto de conceitos ou representações mentais do indivíduo. Nessa dinâmica, o sentido dependerá dos conceitos e imagens formadas no pensamento, os quais servirão para “representar” o mundo. O segundo sistema de representação é formado pela linguagem. O termo geralmente usado para as palavras, sons ou imagens que carregam sentido é signo. Este representa as relações conceituais impregnadas em nossa mente constituindo o sistema de sentidos de nossa cultura. Os signos estão organizados em linguagens, diante disso, a existência de significados comuns permite traduzir conceitos em palavras, sons ou imagens, e então, usar estes

elementos (os signos) para expressar sentido e comunicar com os outros (HALL, 1997, p.4).

Portanto, a cultura visual contribui para refletir sobre as configurações do feminino, trazendo uma forma histórico-cultural de olhar. Esse é construído e constituído a partir das visualidades as quais estão permeadas pelas singularidades e interpretações. Assim, na cultura visual, as representações emergem como força mobilizadora, como condição e possibilidade, como expectativa de que eventos visuais, imagens, visualidades ou a interação entre eles possa conferir a elas autorização para torna-se um discurso representativo. Nessa perspectiva, a cultura visual, ao mesmo tempo em que processa e descreve, transforma e reelabora imagens e ideias; pode-se dizer que acontecem, simultaneamente, atos de percepção, interpretação e de interação que demandam deslocamentos ou, no mínimo, reclamam uma negociação de espaço nos discursos dominantes (MARTINS, 2005, p. 142).

No estudo intitulado: *Stuart Hall e o trabalho das representações*, Heloíse Santi & Vilso Santi (2009, p. 2-3) referem que representações na visão desse autor são:

O reconhecimento do significado faz parte do senso da nossa própria identidade, através da sensação de pertencimento. Os sinais, por sua vez, possuem significado compartilhado – representam nossos conceitos, ideias e sentimentos de forma que outros decodifiquem ou interpretem mais ou menos do mesmo jeito. Dito de outra forma, as linguagens funcionam através da representação: elas são sistemas de representação (SANTI; SANTI, 2009, p. 2-3).

Em *Pedagogias Culturais Produzindo Identidades*, Soares (2008, p. 51) traz um outro viés sobre o tema. Para ela, “representação é um lugar de poder e regulação e uma fonte da identidade, então nos cabe a tarefa crítica de construir novos significados e desembaraçar os velhos”. Então, identidade e representação tem estreitas relações de poder. Identidade é um processo de representação articulado a categorias abrangentes tais como sexualidade, gênero e classe.

A professora Marisa Vorraber Costa (2000) realizou um estudo sobre a *Revista Nova Escola*, no capítulo intitulado “*Mídia, magistério e política cultural*”, que demonstra como essa revista opera na produção da docência como atividade feminina e quais as implicações desempenham nos processos de subjetivação delas. Costa (2000) atenta para as táticas que colocam professores (as) em molduras referenciais distintas, relacionando, assim, uma política de identidade. Então, as professoras são

ininterruptamente representadas como indivíduos naturalmente afetuosos, em antagonismo ao professor sistemático, metódico, racional e naturalmente intelectual.

Destaco que ao entrar em contato com esses materiais, observei que questões relacionadas à beleza e docência eram frequentemente articuladas para a configuração do gênero feminino, o que despertou meu interesse em focalizar em maior detalhe, neste estudo, nessas dimensões desse aspecto.

No caso específico deste estudo, compreendi que os sujeitos são subjetivados a serem sujeitos eternamente aprendizes, e que esses têm a sua disposição caminhos bem definidos pela mídia pelos quais podem percorrer. Como destacou Stuart Hall (1997) a mídia nos indaga constantemente - a cada revista lida, a cada comercial de TV e a cada novela assistida. Por isso, faz-se necessário a quem pretenda compreender melhor os efeitos que tais produções culturais exercem, buscar aguçar seu senso crítico. Os discursos que circulam nessas produções nos subjetivam e, então, nas revistas que “falam” sobre a atitude desejável da professora – que nelas se assemelha a um objeto ao qual todas as professoras podem alcançar. São elas a maioria das consumidoras da Revista Nova Escola, “A Revista de Quem Educa” também são educadas através dela. Absorvem e consomem artefatos a partir desta. A partir das pedagogias impressas nas capas e em todo o conteúdo da revista, as professoras se constituem de determinada forma de maneira em que são disseminadas condutas do professor contemporâneo.

Além disso, muitas das respostas para as dúvidas sobre como ser uma professora exemplar, nas revistas, encontram-se em discursos que atuam no estabelecimento de uma rede de significados e simbolizações para sua “vocação”. E nela, tanto há dicas quanto advertências, que passaram tanto da crença de que magistério é coisa para mulher e que os homens, na escola, são destinados aos cargos de direção ou docência no ensino médio.

Pensar diferente e agir diferente foi um dos convites feitos neste estudo, no qual busquei indicar que não existem compreensões definitivas sobre um tema como este. Além disso, busquei indicar, mesmo de forma bastante introdutória, alguns dos muitos processos de subjetivação da professora que operam através da configuração e da reafirmação de algumas dimensões de gênero, entre tantas outras possibilidades que perpassam os sujeitos. Para fazer isso é necessário desobedecer algumas regras engessadas nas práticas culturais, para permitir que as singularidades desejantes e pulsantes emergam.

Percorri alguns ensaios, que de forma alguma tiveram a pretensão de esgotar este assunto. Apontei, nessa Monografia, que as imagens podem trazer incômodos e discussões na história dessas mulheres professoras. Através do estudo bibliográfico e da análise das imagens da capa da revista Nova Escola, campanha “orgulho de ser professor”, foi-me aberta a possibilidade de examinar as transições e as obrigações comportamentais e estéticas exigidas às professoras através dessa da mídia impressa.

Percebi que discursos midiáticos atuam como tecnologias ou pedagogias culturais, que produzem subjetividades das docentes femininas, muitas delas dóceis, ainda na atualidade. E que, nas revistas, contidas-implícita ou explicitamente- práticas sociais e que algumas representações de mulher permanecem quase inalteradas, pois apenas mudaram a roupa, porém, vestem os mesmos corpos e sentimentos baseados em velhos paradigmas.

Para concluir esta monografia faço um convite a todos nós a buscar seguir muito mais o caminho da dúvida do que aqueles que nos oferecem as certezas. Então, considerando-se professor tradicional ou não, masculino ou feminino (ou nenhum destes ou todos juntos). Aventure-se também, permita-se e orgulhe-se disso!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias Culturais: Uma cartografia das (re)invenções do conceito**. 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/143723>. Acesso em: 18 de set de 2022.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na Revista Boa Forma**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação Em educação, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1623>. Acesso em: 19 de set de 2022.

ANDRADE, Paula Deporte; BORTOLAZZO, Sandro Faccin. A Geração Digital Produzida nos Anúncios Publicitários: vendendo Uma Infância Tecnológica Na Revista Veja. **Cadernos de Comunicação**, v. 16, n. 2, 2012.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte (UFRMG impresso), v. 33, p. 1-23, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/FTppyqQTJpM7YVWxWvmTj8S/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 de set de 2022.

ARAÚJO, Thamyres Verlindo de. **“Merlí, um olhar sobre as diferentes representações de docentes, discentes e o ambiente escolar”**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2020. Disponível em: <https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM288.pdf> . Acesso em: 18 de set de 2022.

ATAIDE, Patrícia Costa; NUNES, Iran de Maria Leitão. Feminização da Profissão Docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 9, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/4984/0>. Acesso em: 18 de set de 2022.

BRISOLLA, Márcia Regina Santos. **De menina a mulher: imagens publicitárias, representações e pedagogias culturais**. 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes Visuais, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/35243/1/2019_M%C3%A1rciaReginaSantosBrisolla.pdf. Acesso em: 18 de set de 2022.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Da pedagogia às pedagogias: formas, ênfases e transformações**. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/49809>. Acesso em: 18

de set de 2022.

Confira o resultado do concurso cultural #orgulho de ser professor. **Nova Escola**, São Paulo, 22 de out. de 2012. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3579/confira-o-resultado-do-concurso-cultural-orgulho-de-ser-professor>. Acesso em: 16 jul 2022

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Editora da Universidade/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito. **Belo Horizonte: Autêntica**, v. 200, p. 7-76, 2001. Disponível em: <https://docplayer.com.br/87761394-Elizabeth-ellsworth-modo-de-enderecamento-uma-coisa-de-cinema-uma-coisa-de-educacao-tambem.html>. Acesso em: 18 de set de 2022.

FERNANDES, Fernanda. A história da educação feminina. **Multi Rio e a mídia educativa da cidade**. 07 de mar. de 2019. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina>. Acesso em 01 fev 2022.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: v.22, n.2, p. 59-79, jul./dez. 1997

FOUCAULT. Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre: Faculdade de educação da UFRGS, v.22, n.2, p. 1-23, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361> Acesso em: 18 de set de 2022.

JACOBY, Isadora Spinelli. **Representação da mulher contemporânea**: Uma análise de perfis na Revista TPM. Orientadora: Virginia Pradelina da Silveira Fonseca. 2014. 138 f. TCC (Graduação) – Curso de Comunicação Social, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/111770>. Acesso em: 18 de set de 2022.

KELLNER, Douglas. **Lendo imagens criticamente**: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, p. 283-300, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/ZDsRh9p5xq7bZbCTGC6fS6c/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 18 de set de 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino**. In: SILVA, Luiz H., AZEVEDO, José C. (org.). Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1995, p.172-182.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

_____. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, 25 (2), p. 59-76, jul/dez, 2000. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25922>. Acesso em: 18 de set de 2022.

_____. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação** / Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 9 ed. – Petrópolis: RJ, Vozes, 2013.

MARTINS, Raimundo. **Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual**. In: OLIVEIRA, Marilda de Oliveira; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2005, p. 133-145.

No Dia do professor, educadores de todo o Brasil mostram o orgulho que têm da profissão. **Nova Escola**, São Paulo, 15 de out. de 2012. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3469/no-dia-do-professor-educadores-de-todo-o-brasil-mostram-o-orgulho-que-tem-da-profissao>. Acesso em: 16 jul 2022

NOGUEIRA, Monicque Chechi. Estereótipo de Gênero: Construção e Desconstrução. 2021. 86 f. TCC (Graduação) – Curso de Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/223262>. Acesso em: 18 de set de 2022.

Orgulho de ser professor. **Nova Escola**, São Paulo, 10 de out. de 2012. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3727/orgulho-de-ser-professor>. Acesso em: 16 jul 2022

Promoção Revista Nova Escola. **Pra Gente Miúda**, 7 de jan. de 2011. Disponível em: <https://www.pragentemiuda.org/2011/01/promocao-revista-nova-escola.html>. Acesso em: 19 de set de 2022.

PEREIRA, Maria Aparecida Alves. **O discurso da propaganda: a mulher en-cena**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

RATIER, Rodrigo. Participe da campanha #orgulhodeserprofessor. **Nova Escola**, São Paulo, 6 de out. de 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2936/participe-da-campanha-orgulhodeserprofessor>. Acesso em: 16 jul 2022.

REVAH, Daniel. Escola e Nova Escola: faces de um velho espelho. História da

Educação. (Online). 2013. V. 17, n. 39, p. 79-99. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2236-34592013000100006>. Acesso em: 19 de set de 2022.

RIPA, Roselaine; MALAGGI, Vitor. Concepções de feminismo na Plataforma Digital Nova Escola.: **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, n. 229, p. 63-74, 26 jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/58760/751375152335> Acesso em: 16 jul 2022.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**. v. 9, n. 1, p. 10-21, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100002>. Acesso em: 7 set 2022.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Júnior Chierentin. (2009). Stuart Hall e o trabalho das representações. **Revista Anagrama**. Anagrama, 2(1), 1-12. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35343>. Acesso em: 19 de set de 2022.

SEVERINO, Antonio Joaquim; DO TRABALHO CIENTÍFICO, Metodologia. SANTOS, Suellen Assunção. Experiências narradas no ciberespaço: um olhar para as formas de se pensar e ser professora que ensina matemática. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, 2009. Disponível em: < http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21385?locale=pt_BR>. Acesso em: 20 de abril de 2018. **Revista Nupeart**.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Lendo imagens criticamente: uma alternativa metodológica para a formação do professor de História. **História & Ensino**, Londrina, v. 8, edição especial, p.169-184, out. 2002. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12165/10690>. Acesso em: 19 de set de 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, Luís Carlos Teixeira da. **“Mas não é homem, é tu!” reflexões sobre a prática docente de professores-homens nos anos iniciais do ensino fundamental**. Orientadora: Sandra dos Santos Andrade. 2012. 31 f. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia – Licenciatura, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/56393>. Acesso em: 19 de set de 2022.

SOARES, Rosângela. Pedagogias culturais produzindo identidades. **Educação para a igualdade de gênero**, 2008. **Nova Escola**: Revista do Ensino Fundamental. Disponível em: <https://novaescola.org.br/quem-somos>. Acesso em: 12 fev. 2022.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (Org.). (2001). **Cultura Infantil: a**

construção

corporativa da infância. Tradução de George Eduardo Japiassú Brício. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

STEINBERG, Shirley R. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (Org.). Identidade Social e a Construção do Conhecimento. Porto Alegre: SMED, 1997. P. 98-145.

TONIAL, Cristina Gamino Gomes. **Narrativas Autobiográficas De Maria Helena Vargas Da Silveira No Livro “É Fogo!”**: Docência, Representações De Gênero E Raça E Pedagogias Culturais. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/helenadosul/wp-content/uploads/2020/09/TONIAL-Dissertacao.pdf>. Acesso em: 19 de set de 2022.

WAGNER, Priscila Gil. **Pedagogias Da Moda**: Moldando Corpus Com O Esquadrão Da Moda. 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2020. Disponível em: [https://www.ulbra.br/canoas/pos-graduacao/presencial/ppgedu/mestrado/Prof.%20Dr.%20S%C3%A9rgio%20Sardi%20\(PUCRS\)%20Prof.%20Dr.%20Edgar%20Roberto%20Kirchof%20\(ULBRA\)%20Prof.a.%20Dra.%20Karla%20Saraiva%20\(ULBRA\)](https://www.ulbra.br/canoas/pos-graduacao/presencial/ppgedu/mestrado/Prof.%20Dr.%20S%C3%A9rgio%20Sardi%20(PUCRS)%20Prof.%20Dr.%20Edgar%20Roberto%20Kirchof%20(ULBRA)%20Prof.a.%20Dra.%20Karla%20Saraiva%20(ULBRA)). Acesso em: 19 de set de 2022.

ZAWASKI, Tatiane Peres; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas. Docência da educação básica: reflexões sobre a feminização presente na profissão. **WEB REVISTA LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA**. 1(20), 145–159. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/view/5884>. Acesso em: 6 maio. 2022.